

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar	

## PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Christim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal.	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 » » »
Repetições	25 » » »
Annuncios permanentes, contracto especial.	
	25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## O SOCIALISMO NAS LEIS E NO ESTADO

II

Vale muito a liberdade—a revolução franceza aboliu os privilegios, proclamou os direitos do homem, os direitos communs a todas as classes.

A acção individual desaffrontada operou e opera maravilhas—mas as classes inferiores padecem, ainda que não soffram muitos dos que se queixam.

A liberdade não basta. Querem encurtar a acção do Estado, e eu digo, que se estenda. Que me importa ser bem livre, se eu não tenho os meios de ser activo, se a minha acção está presa dentro de estreitos limites,—se exercendo-a, quanto posso, não obtenho senão a miseria, se umas vezes adoço e outras não encontro onde m'empregue, se todo o producto do meu trabalho não remedeia as minhas primeiras necessidades?!

Estão emancipadas as grandes maiorias, que dantes a nobreza e o clero espoliavam, e opprimiam—nas republicas e nas monarchias representativas todos são iguais e livres—dois principios do programma revolucionario estão satisfeitos—mas falta o terceiro:—a fraternidade—a protecção do Estado ou da Lei, a caridade social, a que ainda não se attendeu.

Os inventos, que favorecem a industria, e sobretudo a grande industria, vieram estreitar mais a esphera das classes inferiores.

As maquinas, e os capitães reunidos em bancos, e associados nas empresas, matam os pequenos industriaes—a beneficencia individual e voluntaria cresce, mas não accede ao maior numero dos desvalidos.

Os proletarios convulsionam-se, e a sociedade precisa d'ordem e de socego.

E' ridiculo propor como remedio a obediencia christã ás autoridades, e aos superiores—de tal preceito se zomba. A ordem não sahirá senão do accordo nos interesses, da solução mais ou menos completa, dos problemas sociaes.

O socialismo catholico é uma chimera ou apenas um estratagemma politico-sacerdotal, é um meio de influir nas massas, e portanto de reagir contra os governos, como ha muitos annos se vê na Alemanha, onde os padres organizaram vastas associações de operarios—outro não é o fim das encyclicas de Leão XIII e das predicas sobre o socialismo.

Eu não posso crer, que os capitalistas e operarios sejam sempre rivales e hostis—que o problema do trabalho seja insolúvel, que os interesses sociaes não sejam harmonicos por sua natureza; mas o artificio, que desde remotas eras sempre presidio ás constituições humanas, não pode desfazer-se n'um momento—nem d'um golpe, mas só gradualmente.

E' preciso attender aos clamores, que sahem das officinas, a esses grupos, que se agitam já com uma febre inquietadora, e

n'alguns pontos em desespero e terríveis, mesmo sob o despotismo como na Russia; é preciso attender ás suas vozes eloquentes onde já palpita a consciencia do direito.

O poder coercitivo d'outrora não existe, a força hoje está no povo: se este não reconhece a desigualdade das condições, ou o principio, d'onde ella deriva, onde está a garantia da sociedade actual?

Por isso é preciso, é uma politica habil e salutar não abandonar-as a si-mesmas, não as deixar entregues á influencia d'agitadores desvairados, e a outros que manobram na sombra.

E' preciso não contestar-lhes as suas justas exigencias.

E' preciso mostrar-lhes os seus erros e illusões, mas ao mesmo tempo dar-lhes aquella protecção, que se lhes deve.

Os antigos grupos sociaes dissolveram-se;—comecem outros organizados com as ideias modernas. Esse o individualismo, que está provocando a anarchia.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

## A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Os «unidos» politicamente, e pessoalmente, e etc., continuam na mais perfeita harmonia sobre o ataque á actual Camara. Contavam poder dispôr, n'esta occasião, dos rendimentos municipaes, para o que o «irmão» se passaria para o partido da «irmã»; e, então, appareciam simulacros de obras para encobrir os desvios de dinheiros, que iriam satisfazer necessidades proprias e tambem alheias.

A opinião publica, quer do concelho, quer do districto, conhece-os de sobejo.

Não se defendem das accusações justas, que lhes fizeram sobre as suas administrações municipaes, porque não têm defeza; procuram justificar-se, porém, allegando falsamente más acções dos outros.

E' lavar-se com lama, e assim mais sujos se tornam, se é que isso é possivel.

Repetem, em côro, os dois «irmãos» que não sabem para que a Camara actual queira vender oito contos nominaes.

Já se lhes disse e se explicou o fim.

Dos actuaes vereadores não ha um unico, que precise de dinheiro da Camara para pagar as suas vidas, ou para dar passeiadas, ou para presentear os amigos.

A Camara tem obrigação de pagar o que deve, e de fazer as obras de necessidade; e como, infelizmente, não tem dinheiro, quando o podia ter e muito, se não lh'o roubassem, tem de recorrer á alienação dos bens, que lhe dão rendimento inferior ao juro que teriam de pagar, quando contrahisse um emprestimo.

E' sabido que uma inscripção de 100\$000 réis, valor nominal, dá o juro annual de 2\$100 réis, do qual, deduzindo a despeza com os

sellos dos recibos dos dois semestres e dos reconhecimentos, fica liquido 1\$940 réis, isto quando o possuidor saiba escrever, pois, não sabendo, apenas recebe 1\$730 réis, visto o reconhecimento custar mais dinheiro.

Ora, em 28 de Janeiro de 1905 (D. G. n.º 25), o preço de cada inscripção de 100\$000 réis era de 39\$500 réis; em 13 de março de 1905 (D. G. n.º 60) o preço era de 46\$200 réis; e em 13 de Julho de 1906 (D. G. n.º 157) o preço era de 43\$600 réis; preços estes, que, ao juro de 5%, rendiam annualmente as quantias de 1\$975, 2\$060 e 2\$180 réis; e que, ao juro de 5 1/2%, rendiam 2\$172, 2\$266 e 2\$398 réis.

E' evidente, pois, que é um acto de boa administração o alienamento das inscripções, visto não se poder conseguir dinheiro emprestado por juro inferior a 5 1/2%.

A «irmã» Discussão pergunta do Calvario, pois d'ahi nunca mais sahirá, porque é que se gasta inutilmente dinheiro com dois mestres d'obras, pagando-se-lhe, como jornaleiros, quando nenhum serviço fazem.

Esta «irmãzinha» julga que na Camara ainda se usam hoje os processos de que ella usou, mas está enganada.

Os dois mestres de obras recebem como taes, e não como jornaleiros; e desde 1886 até hoje, sempre, sem interrupção, foi incluída nos orçamentos a verba de 216\$000 réis, que tambem sempre se gastou com excepção de dois annos da gerencia anterior, em que pagaram ao Rainho de Vallega e ao Empreiteiro de Esmoriz, por linhas travessas.

Dá no gôto á «irmã» o tamanho das pernas d'um dos mestres d'obras; provavelmente já lhe senti os efeitos.

Que lhe prestasse muito bem.

Diz o «Patarata» que o que mais preoccupa os adversarios do sr. Dr. Sobreira, é o bom nome, que elle deixou ao abandonar as cadeiras senatoriaes.

Affirmar isto depois de dizer que elle procedeu muito bem em dar de prezente á «Varina» os terrenos do Furadouro e do Largo do Martyr, com o que fez uma administração modelo superior á do fallecido Dr. Manoel Aralla, só por paga se pode admittir.

Este patarata nunca perde a occasião de disfructar o seu amigo.

O «irmão Ovarense» continua a badalar sobre os furtos na mata da Bixa.

Tem razão em não querer que os outros furtem, mas tambem não deve haver exclusivo.

O «irmão» não seja invejoso, porque diz a sciencia da vida que «a inveja é o instincto do roubo.»

## Pela verdade

A «Discussão» e o «Ovarense» estão em manifesta bancarrota de *diseur*, em evidente funeral de pennas, que falleceram perante o apparecimento de libello accusatorio feito ao procedimento dos seus directores politicos, que, outr'ora, os menejavam a seu talante.

OVAR, operada a união dos «dois irmãos», vivia na mais profunda carencia de conhecimentos veridicos sobre a administração das causas camararias.

A poeirada bolorenta, que encobria erros puniveis nos actos da gerencia camararia do illustre contractante no memoravel feito dos 40\$000 réis, era caridosamente protegido pelo «irmão», em prosa macabra de effeito malabar; e o da «irmã» lia e sorria, agradecendo n'um aperto de mão rosada de cicatrizes dos bicos do espinho-so matto.

Assim, corriam as coisas; passavam os annos, o dinheiro entrava no cofre camarario, desapparecendo sem que ficassem obras, embora insignificantes, que atestassem a sua applicação honesta.

O estado morbido da administração municipal, tarde ou cedo devia irremediavelmente vir á suppuração, provocado pelas circumstancias do momento e pela força de consciencia collectiva, que, vergada ao pagamento de gravosos impostos, devia fatalmente inquirir do destino dos redditos do municipio consumidos sem proveito para os municipios.

Vivia-se n'uma atmospheria d'illusão.

Lia-se a «irmã»—e, no concelho d'Ovar, tudo era engrandecimentos, embelezamentos, progresso; e riqueza, e honra na forma de administrar o «senado vareiro».

E o irmão entoava—Amen.

Apparece o *Jornal d'Ovar*.

Começou-se a syndicancia aos actos praticados pelos gerentes dos nossos dinheiros na administração municipal, e o nosso espanto subiu de ponto, quando soubermos que a *barcaça* municipal andara errante por largos annos, e que os dinheiros, quasi na sua totalidade, tinham servido a loquitações escandalosamente patrocinadas, o que, n'um impulso de justificado dever, demos á luz da publicidade com toda a evidencia e força de argumentos.

A pernicioso e desenfreada Administração Concelhia começou de revelar-se no caso do matto, de que foi victima um desgraçado, pagando na cadeia os efeitos de actos ordenados pelo superior, que fazia partilha leonina, e a que em outros numeros nos referimos, sem

que, até hoje, soffresse a minima contestação; assim como, até hoje, tambem, não foi impugnada, nem sequer explicada satisfactoriamente, a cedencia de terrenos municipaes, na gerencia do sr. dr. Sobreira, á fabrica «Varina» com manifesto prejuizo de contos de reis para o municipio.

Aos casos criminosos do matto e dos 40\$000 réis da troca; á cedencia dos torrenos do Furadouro e do Largo do Martyr, a «Varina»; e do alqueire de sementeira de terreno ao proprietario d'um predio, que fica pelo nascente do pinhal do sr. Polonia, teem a «irmã» e o «irmão» publicado umas charlatanices inficionadas proprias de consciencias peccadoras.

E' que nós apresentamos-lhes a verdade firmada em base sólida: fallamos-lhes com a eloquencia dos algarismos.

Enormes quantias de dinheiro foram desviadas do seu caminho legal. Na venda dos pinheiros da Estrumada apuraram-se dezenas de contos de reis, que serviram para utilidade da escolta de empregados no *historico* Jardim da Estrella, e para abrir obras pequenas com o intuito premeditado de se arranjar verba de despeza, que desse azo a surripiar grossas maquinas.

Ai é verdade que desmorraram os antigos Paços do concelho, e substituiram-nos por o *casarão do monoculo*,—mas essas despezas não foram pagas pela vereação desmorradora—a vereação de resinas, da funesta memoria.

De todo o dinheiro apurado, então, nas vendas, só restam pedradas dividas; e eis a riqueza e a honra apregoadas pelos «irmãos» nas gerencias dos seus *capitães*.

O nosso fim é expôr e analysar, com imparcialidade e independencia, a marcha seguida na administração dos negocios camararios; e ante essa conducta, que nós traçamos, não podiamos deixar de tornar bem publica a derrocada financeira, a que as gerencias municipaes da epocha do celebre matto e da resina dos pinheiros da Estrumada, arrastaram o concelho d'Ovar.

Firmes no nosso posto, estaremos, como sempre, promptos a castigar as almas damninhas e devoradoras dos sagrados interesses d'este concelho.

## O motivo

Gargalhada de pardaes atordoava o espaço.

Rumores de vozes feminis ouviam-se perto. O bronze dava o toque das ave-marias.—Grupos de mulheres, d'ahi a pouco, viam-se passar em direcção á igreja. Passára tambem, envolto em negro vestuario, um padre.

Era a hora da missa d'alva, e aquellas mulheres iam, n'uma devoção sincera e christã, assis-

á missa. Notou-se em pouco, silencio nas ruas: Tinha começado a missa, e todo o povo, que havia passado, achava-se dentro do templo. Pouco depois viam-se passar os mesmos grupos, que sahiram da igreja. Pairava o mesmo silencio religioso, não obstante, ligeiras considerações dos fieis sobre ensinamentos doutrinaes pelo padre.

O sol magestoso no seu throno d'ouro, subia, altivo, as regiões sideraes, aquecendo então, as urzes dos montes e os milhares inundados de sua luz.

Contemplamos, inebriantes, este lêdo quadro, quando uma voz nos disse: «Vamos»—vamos! reproduziu o nosso espirito e interrogou—para onde?—

Decorrido pouco tempo, ouviam-se harpejos suaves de violão, trillos dolentes de guitarras, e tudo acompanhado de descantes bellos e suggestivos.

O quê! perguntamos ao nosso interlocutor.—Festa de...; é hoje a vespera; eu não falto; se quizeres dar-me a honra da tua companhia, iremos.

Nada de maçadas, dissémos.—Não. Tenho que ir. No local alguma cousa ha para admirar; ou a encantadora disposição do solo, em caprichosas ondulações d'areia, ou a bella illuminação á moda do Minho, ou a empolgante harmonia das excellentes bandas de musica annunciadas no programma. Passarei noute feliz. Vamos?

E os descantes, e as guitarras, e os violões, succediam-se, cada vez mais, na sua passagem em frente a nós. E, de prompto, —vamos! accentuámos. Partimos.

Percorremos um laço de estrada, na extensão de dois kilometros, ao cabo da qual havia um rio com barcos enfeitados. A viagem, notámos, tinha que fazer-se em barco. Dissémos então ao nosso companheiro—arranja barco!— Já. E, dali a poucos segundos, estava elle com um barco para nos transportar á festividade.

O barco era novo, pintado a varias côres. O soalho, no cavername, era formada de juncada fresca; leme abreuado de preto ao centro e garridamente pintalgado nos extremos. Erguiam-se dois mastros, um quasi ao centro, outro proximo da prôa. Ambos, porém, com suas velas brancas, e no tópo bandeira de côres. Homens robustos, de musculatura saliente, e sádia, trajes festivos e varas fincadas ao hombro, ajudavam o movimento.

Embarcámos.

Do caes ao local da festividade medeião seis kilometros. A animação e alegria continuam tambem n'estes barcos, que quasi partiam a par.

Fizeram-se de véla.

O sol batia em cheio na superficie crystalina das aguas, e o barco singrava suavemente.

Era uma alegria doida, communicativa em todos os passageiros. O vento era bom e de feição. O ceo, claro e sereno, absorvia em suas esferas as melodias festivas, e os rouxinões nos tramagaes, correspondiam em gorgeios maviosos.

Chegámos assim, até perto do ponto do desembarque.

Subito, porém, divisa-se no horizonte nuvens onustas, presagiando temporal.

As reverberações dos raios solares vão-se extinguindo pouco e pouco, a agua agita-se e turva-se. O ceo escurece-se, os mastros gemem, as bandeiras doidejam, as velas sacodem violentamente, e o barco galga propellido pela vaga espumante. Sáem clamores angustiosos do peito dos romeiros, e a voz represa-se e suffoca-se ao vivo clarão do raio, que se despeña das nuvens, e serpeia e corta vertiginosamente o espaço.

Os barqueiros, intemeratos, expeditos, mourejam no governo:—Uns á escôta, outros ao leme, e outros difundindo coragem e resignação.

A ventania sibilava desabridamente; o bordo tomba e o barco

mete agua—então, tudo é choro e supplicas.

Estava prestes a afundar-se o barco; mas, eis que, pouco e pouco, as nuvens dissipam-se, as aguas retomam seu doce soluçar, e o sol promana iriadas reflexões.

Tudo serenou, e os peitos arquejam de jubilo.

Aprôa o barco no desembarcadouro. Todos saltaram em terra.

Em terra! diz, dirigindo-se-nos, o amigo.—Em terra e no arraial, respondemos. Vamos passear o arraial? Já. Seguimos.

O arraial achava-se lindamente decorado de bandeiras; era um *paraíso*, no qual estava uma formosa Eva, com quem o nosso amigo cruzava ininterruptamente olhares mysteriosos...

Percebemos. Foi sem duvida por causa da Eva que o nosso amigo nos demoveu a irmos á festança.

X.

## A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

VII

Calumniado nas *Ideias Modernas*, onde o auctor, se fosse justo, devia a par dos seus maus juizes reproduzir por extenso a reclamação, ou nos seus principaes argumentos, a fim de ser bem avaliada, é onde, dando apparencias de verdade a uma fraude, cita o n.º 4.º dos *Bardos*, como se tivesse diante dos olhos um dos publicados e distribuidos em 1852, e de facto não o tinha mas a Edição de 54, nem podia tel-o, porque o n.º 4.º dos *Bardos impresso* em 1852, ninguém o viu, nem verá com o *Noivado do Sepulchro*, hei de tanto escrever, e publicar sobre aquelle livro, que não será lido sem que o seja tambem a minha analyse, nem se fallará do Soares de Passos sem que a lembrança dos indecentes plagiatos acompanhe o seu nome.

Não sendo assim, escusava defender-me, a defeza ficaria sem effeito.

Hoje sinto uma tão violenta in-

dignação contra o versejador, que abusando da minha confiança deu motivo ao que se lê a meu respeito nas *Ideias*, como contra o glorioso Theophilo Braga, que ainda duas vezes, e com menos senso, o foi repetir na *Revista Litteraria do Seculo*, o jornal da maior publicidade no nosso paiz.

Pode muito a verdade, só por ella obteve Dreyfus a revsão do processo, só na verdade se apoiou, e venceu.

Um facto sendo verdadeiro, apenas por algum tempo illudem os documentos, que lhe são oppostos, embora appareçam Theophilos para reconhecerem e proclamarem a sua authenticidade.

No meu caso, independentemente de ser falso ou verdadeiro o facto, que se questiona, não se prova que seja authentica a edição dos *Bardos* feita em 1854; é uma inepcia affirmar-o e teimar duas vezes na affirmacão, que envolve uma offensa grave, um atrevimento cheio de pedanteria.

Como diante de uma fraude, e portanto de uma eleivosia, ao menos muito de presumir depois das minhas informações, não lhe tremeu a mão ao escrever, «que a falsidade da imputação estava provada»—tambem a minha não treme lavrando este epitaphio ao sr. Theophilo Braga, não teve senso critico, nem litterario, nem esthetic, nem philosophico, nem scientifico—e para se dar uns ares superiores e transcendentos depriuiu todos os escriptores portuguezes do seculo 19—etc. etc.—

A dignidade cumprê nos defendel-a mais do que a vida ou a fortuna—De tudo o que se passa entre nós e os outros, que nos olham atravez das suas prevenções, caprichos, defeitos, parcialidade, ou malquerença, se forma um bom ou mau conceito.

Não sejamos pois reservados, expliquemos os nossos intentos e os nossos actos francamente—corramos atraz da calumnia perseguindo-a até aos seus ultimos reductos.

Quanto a mim julguei ter o privilegio de atravessar o meu tempo sem luctas, sem questões pessoaes—conseguiria talvez este meu grande desejo, se me acatellasse contra quem abusou dos meus direitos tolhendo a minha

carreira publica, e se não fosse confiar as minhas primeiras composições litterarias a quem as recebeu sem cerimonia, d onde resulta está controversia com o padre-mestre da litteratura contemporanea.

Imperdoavel é o ter enfileirado no seu artigo da *Revista do Seculo* os meus protestos com o vil e odioso proposito de os fazer considerar como puras mentiras em face da *Edição dos Bardos* de 1850, onde encontrou o *Noivado*—contentou-se com esta preciosa descoberta—estava satisfeito o seu gosto de deprimir—e que acepipel um quidam, que não sabe exprimir-se em verso, a reclamar o *Firmamento*, a *grandiosa ode de Soares de Passos*, e o *Noivado do Sepulchro*, que é uma banalidade romantica!

Não fez caso de protestos, nem de argumentos, nem de testemunhos—cavillou ainda sobre uma syllaba, que leu mal n'uma das minhas cartas—nem critica litteraria, nem scientifica como exigia o *Firmamento*. Para o *Noivado* o famoso n.º 4.º dos *Bardos* de 52, que não vira, e falsamente citou—para o *Firmamento* a *suggestão philosophica*, uma visionice, lá estavam na mente d'este grande juiz a confirmarem a sentença escarrada nas *Ideias Modernas*.

Trahindo as boas relações commigo, faltando á sua promessa, que não solicitei, e dispensava, o *soi-disante critico*, alma pequena, fria, invejosa, velha osga litteraria, mais uma vez verteu o seu veneno sobre um caracter profundamente serio, incapaz da infamia gratuita, que lhe attribue e nisto revelando a sua incompetencia, mesmo em bibliografia, pois declarava authenticum um papel ou uma data n'esse papel, sem provas ou signaes para tal julgamento, e com o entono de incontestavel!

Forte miseria!

Quando me lembro de Soares de Passos espanto-me, e outras vezes me rio d'um sujeito, que em 1854 sahindo de Coimbra chega ao Porto e ali começa a publicar o que não compoz, nem d'ideou, nem era capaz de compor, nem d'idear, espanto-me:

1.º—porque Silva Ferraz ouviu em Coimbra a recitação das poesias reclamadas, etc., etc.

2.º—porue era natural, que eu as tivesse recitado a outros;

3.º—porque ignorante como era do assumpto do *Firmamento* não podia impingir a ninguem ser elle o seu autor, e muito menos tel-o extrahido do *Systema do Mundo de Laplace*, onde ha affirmacões inteiramente oppostas a quasi todas as estancias e onde nem sequer se mencionam, note-se aquellas sobre que versa a poesia.

4.º—porque nem no tempo de Laplace estava descoberta a transformação das forças, d'onde eu induzi os factos a que as ultimas estancias se referem.

5.º—porque a suggestão psychologica é uma frioleira do Sr. Theophilo.

6.º—porque não podia estar certo de que eu as não reclamasse, nem de que Silva Ferraz, apesar de seu amigo, resistisse a dizer a verdade.

7.º—porque n'algumas estancias se vê o pensamento conduzido por entre ideias contrarias, e um inconsciente, sem ter sequer os estudos elementares, não podia saber compol-as.

8.º—porque não ha nenhuma gloria, prazer, nem satisfação de vaidade em receber applausos por actos ou escriptos alheios.

9.º—porque não podia entender o livro de Laplace, diz Babinet, que se fosse escripto em grego com caracteres chinezes não seria menos obscuro para os litteratos!

10.º—porque a rapinagem litteraria é o que ha de mais ridiculo, e não se imagina uma tão imprudente e louca como a do Soares.

Nada me obriga a imitar o barbeiro de Midas.

Era Soares de Passos um espi-

rito sem nenhuma originalidade, indolente, retrahido, mas sem a melancolia do talento, que se inquietava com os mysterios do mundo, ou com os destinos humanos, pouco fallava nas conversas—a sua instrucção era nulla em philosophia e em sciencias naturaes, escassa nas sociaes e nas politicas, e mesmo em litteratura o seu juizo sobre as *Folhas cahidas* de Garrett, que já referi todos o julgarão lastimavel—denuncio-o—Nas poesias, que são realmente suas, e que havemos de transcreever aqui, e analysar, o que não será difficil, não se nota uma idea, uma impressão, ou imagem, que não sejam das mais vulgares, tanto nas que aspiram a ser elegiacas, como n'aquellas em que retumbam as glorias militares, e que são muitas,—as restantes dividem-se em duas classes, umas, que roubou completamente, como o *Firmamento*, o *Noivado*, a *Canção á Noite*, e a *Infancia e a Morte*, e as outras em que metrificou o thema, que lhe desinvolvei em prosa, com alguns versos já compostos, de que tambem s'aproveitou—como são—os *Anhelos*, cujo assumpto não é seu nem meu, mas de Lamartine, isto é o meio da poesia intitulada *Preludios*, com versos, que eu traduzi ou imitei do mesmo poeta—O *Camões*, onde ha sete instancias, e duas quadras, que me pertencem, mas onde não desinvolveu a ideia principal, que se contem, e se acha isolada no pequeno verso final da 1.ª Estancia:

*Seu peito solitario!*

O seu genio limitou-se ás ingratiões da patria e á miseria de Camões—thema mais que rebati-do.—O *Anjo da Humanidade*, concepção só minha, mas onde só vejo uma parte do assumpto, e onde a descripção da morada celseste lembra a de Jupiter, e é só do sr. Passos, e onde os ultimos versos são meus—E sem fallar d'outras, mencionarei ainda o *Amor e Eternidade* onde repito, ampliando-os, os versos da estancia do *Firmamento*—«Alegra-te immortal, que esse alto lume»—etc.—

O sr. Passos compoz d'essa poesia a parte, que vai até quasi onde se acha a inscripção tumular do poeta! Sente-se a differença.

E assim era justo que fosse—apedra do tumulo devia recordar o plagiario.

Nos artigos seguintes analysaremos as estancias do *Firmamento* revelando os pormenores da sua concepção e composição, o que fará mais uma prova para quem sincera e conscientemente quizer ou poder avaliar-a.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

## ERRATA NO N.º ANTECEDENTE

No poesia—o *Firmamento*—onde se lê 1.ª Estancia—commigo penso—deve ler-se—no brilho immenso—onde se lê na 5.ª estancia «a altura» deve ler-se n'altura—na 6.ª onde se lê—harpas do coração—deve ler-se—harpas da criação—na 7.ª onde se lê—que está—deve ler-se—Que és tu?—na 13.ª onde se lê—Em teu sol—deve ler-se—que teu sol—onde se lê—em a mesma vida—deve ler-se—que a mesma vida—e a ultima Estancia deve ser como a que se segue:

E a vida? então, a vida refluindo  
Ao foco d'onde veio,  
Ha de se ir concentrando e confundindo  
Lá no divino seio—!  
Acabado por fim quanto fulgura,  
Apenas restarão na immensidade,  
O silencio aguardando a voz futura,  
O tempo, a solidão, e a Divindade!

## Boletim Elegante

Fizeram annos:  
No dia 17: a menina Urvalina,

## LITTERATURA

### DAI

Para todos gerou-se a luz fecunda,  
E ella os seus raios vivos despediu,  
A criação, que de prazer se inunda,  
Para todos o seio immenso abriu.

Como o seio da terra está florido!  
Fructos dá e promete a mão divina  
E nenhum recolhendo o desvalido  
Seu olhar nos accusa e nos crimina

Dai, nunca o pobre diga, «os teus aromas  
O'flor, debalde espalha para mim,  
Em vão se ri a luz nas verdes cômas,  
A vida não me chama ao seu festim».

E o que mais logra os dons da natureza,  
Ao vêr tudo doirar o sol formoso,  
Sem ter algum remorso do seu goso  
Em paz sorria á universal belleza.

E' bello e grandioso o movimento  
Das gerações modernas para o bem;  
Ao passo que se eleva o pensamento  
Cresce em amor o coração tambem.

O bom, o bello, o justo, a fé, a crença  
São as correntes d'essa fonte pura,  
Onde se ha-de apagar a sede immensa  
Que o mundo tem d'amor e de ventura.

O genio mesmo á sua luz s'inflamma,  
Se tudo em nós esmorecendo vae  
Só elle verte sempre a mesma chamma,  
Só d'elle a mesma voz constante sae.

E funda só elle a unidade humana,  
Elle o polo eterno onde o mundo gira,  
Elle o grande poder que tudo irmana,  
Elle a essencia immortal, que em nós respira.

Almeida e Medeiros.

filha do snr. Manoel d'Oliveira Vaz.

No dia 21: o snr. José Placido d'Oliveira Ramos.

No dia 25: o menino Arlindo, filho do snr. Antonio d'Oliveira Mello.

Acham-se entre nós o ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>o</sup> Manoel Antonio Veiga, abade encommendado nas freguezias de Cabeça Bôa e de Cabanas, concelho de Moncôrvo, e sua ex.<sup>ma</sup> mana, sobrinhos do nosso presadissimo amigo o snr. José Luiz Veiga, dig.<sup>mo</sup> regedor e Juiz de Paz, de Vallega.

No dia 18 do corrente, baptizou-se, na igreja matriz, d'esta freguezia, um filho do snr. José Maria Pereira d'Almeida, da rua das Ribas, d'esta villa, recebendo o nome de David.

Foram padrinhos o avô paterno, José Pereira d'Almeida e a avô materna Anna Margarida de Souza.

**NOTICIARIO**

**HOTEL "SILVA CERVEIRA"**

O nosso amigo Silva Cerveira oferece no dia 29 do corrente um jantar á imprensa, na forma dos annos antecedentes para inaugurar a reabertura do seu magnifico hotel, na nossa risonha e pittoresca praia do Furadouro, coincidindo a reabertura do hotel com o 20.<sup>o</sup> anniversario da sua fundação.

Os melhoramentos no hotel têm augmentado consideravelmente de anno para anno, proporcionando aos Ex.<sup>mos</sup> banhistas excellentes commodidades.

Agradecemos a gentileza do convite.

**AVENÇAS**

Prevenimos os interessados de que devem pagar as suas avencas, até ao dia 25 do corrente, na recebedoria d'este concelho.

**VACCA EM PERIGO**

Quarta-feira da semana finda, no logar do Cadaval, freguezia de Vallega, em uma propriedade de Manoel Gomes Rico, duas vacas que estavam para o serviço das regas, brigaram, cahindo uma ao poço, a qual não morreu, porque aos gritos d'uma rapariga que guardava as vacas, accudiu gente que ia passando e que a tirou para fóra do poço.

**FOLHETIM**

**Contos d'Aldeia**

**O retrato dos pais**

A mala postal, que seguia do Porto para Braga, passava, ás 7 horas da manhã, defronte da Isabelinha aldeola obscura, que fica emboscada n'uma deveza cerrada de carvalheiras, entre Santiago da Cruz e a estrada de Barcellos.

Como era subida, os cavallos iam a passo, de redeas bambas, com as cabeças pendentes, sacudindo com as caudas os moscardos teimosos, que lhes afferretoavam nos ilhaes. Na imperial do tejadilho os passageiros cabeceavam com somno. O cocheiro, com o chapéo desabado cahido para o sobr'olho esquerdo, por causa do sol, e com as redeas entaladas nos joelhos, petiscava lume de pederneira e acendia pachorramente no mórroão um cigarro de Xabregas.

—Ainda não enxergo o manco —disse o conductor com os olhos

**Contribuições do Estado**

No proximo dia 30 termina o prazo para o pagamento da 2.<sup>a</sup> prestação das contribuições do estado.

**DESCONTENTAMENTO**

Os lavradores d'este concelho estão muito descontentes por virtude da secca prolongada, que tem causado grandes estragos nos milharaes, achando-se a maior parte d'elles completamente definhados á falta d'agua.

**HYDROPHOBIA**

Foi mordido por um cão hydrophobo a semana finda um filho de João da Cunha, de 13 annos de idade, do logar de Molarêdo, freguezia de Vallega.

**DESASTRE**

No dia 18 do corrente, por occasião de malha de cevada, o Snr. Francisco d'Oliveira Leite, da rua de Sant'Anna, d'esta villa, ao queimar um foguete, rebentaram-lhe duas bombas na mão esquerda ferindo-lh'a.

**CARTA DE ESMORIZ**

De Vizella dizem-nos o seguinte: Com franqueza, esta terra é a terra das moscas, dos gericos e dos pedintes.

Que pragas, meu Deus! Ora se contra a primeira e a segunda nada ha a oppor, eu creio que a ultima tinha remedio. Bastava que as auctoridades quizessem.

E' que não podes imaginar o que são estes lazaroni vizellenses! Assediam-nos por toda a parte e ou havemos de lhe dar a esportula, ou elles não nos largão. Ainda se fossem todos daqui e todos pobres, mas alguns, segundo por aqui se diz, são .. proprietarios de boas casas em Guimares e nas cercanias. E a policia local o que faz, dirás tu? A policia... passea, como a outra gente e creio que tambem toma os seus banhinhos! Coisas nossas e da nossa... excellentissima policia ..

Mas olha que aqui ha coisas muito boas e muito lindas. Não quero fallar-te nas propriedades terapeuticas ou como soe dizer-se das aguas que são miraculosas, quero referir-me aos arredores que são um trecho encantador do nosso pitoresco Minho. ao parque que é um encanto, ao rio cujas mar-

fitos n'um atalho, que vinha sahir á estrada,

—Toque-lhe a buzina, homem —alvitrou do lado o cocheiro com a voz rouca da aguardente —toque-lhe a buzina; que, se não aparecer, adeus! a culpa é d'elles.

O conductor limpou com a palma da mão o bocal da corneta, que levava ao tiracollo, applicou aos beijos, inchou as bochechas d'ar, e soprou de rijo, tirando um som rufenho, prolongado, com intermitencias, que se ouvia de longe,

O manco, que estava encostado no cunhal do muro, á sombra d'um castanheiro, sahiu a meio da estrada.

Ao passar a mala-posta, o conductor atirou-lhe d'alto com uma sacca de brim, surrada, suja e fechada com uma vareta de ferro, em cuja extremidade pendia um aluquete triangular. O manco estendeu os braços para a suspender no ar. Assim que a aparou, sopesou-a duas vezes, com os braços esticados, e observou:

—Hoje pesa!  
—Hoje não ha paquete—expliou succintamente o conductor.

E, como a estrada principiava

gens são lindissimas, etc. etc. Emfim apezar de estar um calor abraçado, aqui passa-se bem.

Sabes que está aqui o Castro de Gondezende, esse bondoso rapaz que toda a nossa freguezia estima pela sua bella alma e pelo seu diamantino caracter? Tem obtido melhora e eu faço votos por que se restabeleça por completo. Mas como sabes... elle é um irriquieto, um irriquieto dos diabos. Elle, o nosso Abade e o Fernando que tambem aqui estão, tem dado intensos passeios. Disseram-me hontem que no proximo domingo vão á «Ilha dos Amores», um dos locaes mais poeticos e encantadores do Rio Vizella.

Se lá houvesse um restaurante, offerecia-lhes um copo de vinho, assim só se fôr de agua do rio.

São aqui esperadas por estes dias muitas pessoas d'ahi e entre ellas o nosso vereador Manoel Ferreira de Castro e as familias do Snr. João Pereira d'Oliveira e Antonio Ferreira da Costa.

A estação está correndo bem e por isso é aproveitar, não vá a chuva que tão precisa está sendo para os campos, vir transtornar tudo. Creio que te não dou novidade nenhuma, se te disser que aqui se joga e que as casas de jogo estão ás escancaras.

N'alguns dos casinos ha musicsa, especie de isca lançada as...pastas. Agora o que tu não adinhavas, se eu to não dissesse, é que são os batoteiros d'Espinho que aqui estão explorando o rendoso negocio. A caminha de Guimarães passou hoje pela estação de Vizella S. Magestade o sr. D. Carlos. Estava a escanhoar os queixos, quando ouvi o estrallear dos foguetes, annunciadores do facto. Dizem-me que na gare estava muita gente e que lhe foram erguidos muitos vivas.

Os hotéis e restaurantes estão á cunha! Hoje fui para o balneario ás 5 da manhã e só ás 9 é que pude tomar banho. Caras conhecidas...muito poucas...

O calor não me deixa ser mais extenso. Adeus...

—Estão-se fazendo na vossa Praia muitos palheiros novos para a futuro epoca balnear.

**Editos de 30 dias**

No juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima correm editos de 30 dias contados da segunda publicação d'este annuncio no Diario do Governo citando o interessado Antonio Pinto d'Oliveira, solteiro, maior, ausente em parte incerta da cidade do Rio de Janeiro—Estados Unidos do Brasil, para assistir a todos os termos até final

a descer n'uma ladeira ingreme, volteou com força e á pressa a manivella do travão, e disse para o manco:

—Adeus.

A mala-posta seguiu a trote largo pelo meio da estrada, aos solavancos, levantando nuvens densas de poeira, com grande ruido das rodas, fremito das vidraças e o tilintar constante dos guisos das goleiras.

O manco atirou para o hombro com a mala das cartas, fincou o braço concavo da mulêta no sovaco direito, e desandou pelo atalho fóra, a coxear, para casa do Bento do correio.

Ao fundo do atalho, em continuação do muro tosco dos campos, ficava uma estacada já velha, combalida, esverdengada das chuvas da invernia a resguardar uma leira hortada de couves e cebolinho. Tinha dentro uma casita de telha vã com porta e postigo sem vidraça. Dirigiu-se o manco á cancella da paliçada, correu lhe o ferrólho pèrro na ar mella, e gritou:

—O' tia Anna! tia Anna!

Abriu-se a porta da casa, e appareceu no limiar uma velhi-

do inventario orphanologico por obito de sua mãe Maria Rosade Jesus, que foi moradora no logar do Monte, freguezia d'Aradas, da comarca d'Ovar, em que é cabeça de casal o viuvo da inventariada Manoel Henriques da Silva, do mesmo logar e freguezia; e isto sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 13 de julho de 1906

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Lobo Castello Branco

O escrivão

Angelo Zagallo de Lima

**ARREMATACÃO**

No domingo 26 d'Agosto proximo pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal do commercio d'esta comarca, sito na Praça d'Ovar, voltam pela segundo vez á praça por metade dos respectivos valores, visto não terem tido lançador na primeira praça no dia quinze do corrente annunciada por editaes com data de vinte e sete de Junho ultimo, todas as fazendas arroladas na fallencia do commerciante Manoel Dias Vieira, solteiro, da Cancellla, de Cortegaça. Para a arrematação são citados quesquer credores incertos.

Ovar, 19 de Julho de 1906.

Verifiquei a exactidão

O Juiz Presidente do tribunal do commercio

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

**ARREMATACÃO**

No dia 19 de agosto proximo, por onze horas da manhã, á porta do Tribunal da comarca, por virtude da carta precatória vinda da comarca do Porto, extrahida da execução de sentença, em que é exequente Manuel Ferreira da Costa, casado, negociante, do logar das Quintãs, freguezia d'Esmoriz, e executados a Companhia de pesca denominada «Nossa Senhora da Apresentação», com séde em Paramos, comarca da Feira, e os socios que a compõem—João d'Oliveira Soares Especial e mulher, do mesmo logar das Quintãs de Esmoriz, e outros—se hade proceder á arrematação d'uma morada de cazas terreas, com cortinha lavradia pegada e mais per-

nha tremula, curvada para diante, com uma roca enfiada á cintã, a fiar estopa.

—Que é lá, manco? perguntou ella, inclinando-se para fóra, com a mão fincada na humbreira.

—Paquete (= gritou o manco com um grande berro.

A velha fez-lhe com a mão signal de que esperasse. Poisou dentro a roca e o fuso, e sabiu á horta ageitando com os dedos as farripas brancas do cabello, que lhe surdiam por debaixo do lenço. O rapaz transpoz a cancella, foi ao encontro da tia Anna, e gritou-lhe com a bocca muito aberta:

—Paquete! ouviu?

A mulher fitou-o com os olhos espantados, e perguntou:

—O que é? Não oiço.

O manco sorriu se resignado; e, collando então a bocca ao ouvido da tia Anna, repetiu com maior brado:

Paquete! paquete! ouviu agora?

Ah!—exclamou a velhinha, esfregando as mãos de jubilo radiante—ouvi, meu filho, ouvi:—é paquete!

E' paquete, é—confirmou elle com um aceno afirmativo.

(Continua)

tenças, sita no referido logar das Quintãs, d'Esmoriz, pertencente áquelles socios, avaliado em 1:200\$000 reis e ha-de ser entregue a quem mais der sobre este valor. Pelo prezente estão citados os credores incertos.

Ovar, 17 de Julho de 1906.

Verifiquei,

Lobo Castello Branco

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Lis.

**Vendem-se**

Um carro e um kiosque ambulante, proprios para a venda de bebidas em arraiaes, etc., assim como utensilios para café, balcão, armação, mesas e cadeiras.

Para tratar com Augusto Duarte, o Parodia.

**CAZAS**

Quem pretender comprar uma morada de cazas altas, novas, com quintal, armazen, poço e agua encanada, sita na Estação, proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva, da mesma rua, ou a esta redacção.

**ALFAIATARIA DA MODA**

Abel Guedes de Pinoh, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiataria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

**OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO**

Victorino Moraes Lisboa

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

**CANDIDO—DENTISTA**

Largo dos Campos—Ovar

Participa aos seus amigos e freguezes que mudou o seu estabelecimento para aquelle Largo, onde executa todos os trabalhos dentarios e protese com perfeição e modicidade de preços.

Collocam-se dentes desde 1\$000 sr. a 3\$500 rs.

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO**

### EXTRACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

**ANTONIO DA SILVA SANTOS**

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

*Edições d'esta casa*

Almanak do Velho Astrologo Saragoçano . . . . .	60
Almanak Imperador dos Seringadores . . . . .	60
Almanak Propheta da Europa . . . . .	40
Cancioneiro popular das festas do Menino de Deus, ou Repositorio completo de todas as cantigas de boas-festas do Natal, Joneiras e Santos Reis. . . . .	60
Novas cantorias cantadas ao desafio entre Manoel e Maria. . . . .	60
Orações de Nossa Senhora do Monserrate, do Justo Juiz de Nazareth e das Cinco Chagas. Cada uma . . . . .	10
Ramalhete de cantigas populares portuguezas (n.º 4) . . . . .	60
Reportorio do importante Saragoçano, pelo astrologo trasmontano . . . . .	20
Reportorio do verdadeiro Borda Leç, pelo mesmo . . . . .	20
Reportorios do verdadeiro Borda d'Agua (chapéo, carapuça estreita e carapuça larga). Cada um . . . . .	20
Testamentos de diversos animaes (16 n.ºs). Cada um . . . . .	10
Colleção completa: 1 vol. de 236 paginas, brochado . . . . .	120
Verdadeira arte de cada pessoa conhecer a sua signa . . . . .	20

Fazem-se grandes descontos aos snrs. revendedores.

## ESTAÇÃO CALMOSA

Sou forçado a não mais ao LUZIO  
O seu VINHO gabar no JORNAL;  
Pois é justo, eu digo e repito  
Que depressa termine este mal.

—As DONZELLAS SOLTEIRAS já 'stão  
C'o as VENTAS TORCIDAS, zangadas;  
E já muitas mandaram calar-me  
Sob péna das CALÇAS... TIRADAS.

E' o cazo. S'eu fosse escrevendo  
Estes versos; eu bem desconfio!  
—Os rapazes trocavam as PÉPIAS  
Por um copo do TAL... do Luzio.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

## MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especia

**O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR**

## Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinhas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

**BAZAR DOS CAÇADORES**

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.